



## Ficha técnica

Organização: Câmara Municipal de Idanha-a-Nova, Geopark Naturtejo da Meseta Meridional - Geoparque Europeu e Global, sob os auspícios da UNESCO

Coordenação: Eddy Chambino e Carlos Neto de Carvalho

Concepção: Eddy Chambino, Carlos Neto de Carvalho, Paulo Longo, Joana Rodrigues

Museografia: Paulo Longo

Textos: Eddy Chambino, Carlos Neto de Carvalho, Joana Rodrigues

Fotografias: Carlos Neto de Carvalho, Joana Rodrigues

Restauro: Ana Poças e Maria Galante

Concepção gráfica: Ra Atelier, Layer Design & Impressão

Imagem: Layer Audiovisuais

Edição de Imagem: Layer Audiovisuais

Montagem: Serviço de Apoio ao Auditório e Espaços

Exposições: Nuno Capelo.

Agradecimentos: Francisco Dias (Associação Cultural Recreativa e Social para o Desenvolvimento de Salvaterra do Extremo), José Joaquim Rascão, Francisco Jacinto, Alice Elias (Salvaterra do Extremo)

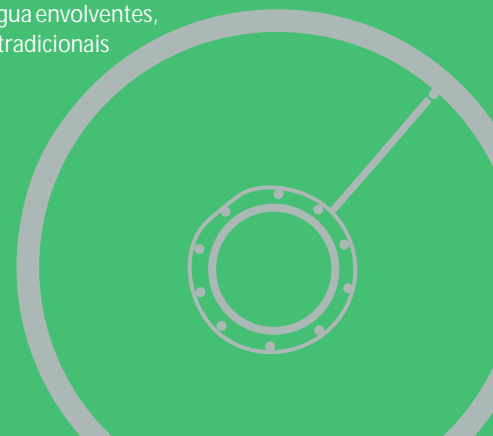
## MEMÓRIAS MINEIRAS DO CONCELHO DE IDANHA-A-NOVA O CASO DE SALVATERRA DO EXTREMO

Edifício dos Antigos Paços do Concelho de Salvaterra do Extremo

10 a 31 de Agosto

A presente exposição cruza o espaço e a memória do concelho de Idanha-a-Nova na senda do seu passado mineiro. Procura-se aqui valorizar artes e técnicas de um passado recente, mas que remontam ao Império Romano e mais além, até há cerca de 5000 anos atrás. Na heráldica de Salvaterra do Extremo está representado um dos símbolos mais característicos dos universos mineiros, o gasómetro (lanterna de mineiros). Esta notoriedade, de imediato, traz-nos e confronta-nos com um promissor e auspicioso passado mineiro deste histórico território fronteiriço. No início do século XX, Salvaterra do Extremo, mantinha nove concessões mineiras dedicadas à exploração de chumbo em funcionamento. Correspondendo a mais antiga, Currais da Arvela, ao ano de 1903. A maioria das concessões dizem respeito à exploração de chumbo e ouro.

Face à localização e determinantes históricas, políticas e administrativas deste território em conjugação com a linha de fronteira luso-espanhola, resultaram desta antiquíssima confluência um conjunto de práticas relacionadas maioritariamente com o contrabando de café na década de 40/50. Todavia, os minérios volfrâmio e estanho, no auge da sua valorização (II Guerra Mundial) também fizeram parte destas interações informais, conforme documentam as memórias do Ti Chico, o mais antigo contrabandista de Salvaterra do Extremo. O destaque vai também para as práticas tradicionais do garimpo de ouro junto às linhas de água envolventes, com recurso às técnicas tradicionais de lavagem de areias.



## Resenha histórica da actividade mineira em Proença-a-Velha

Em Salvaterra do Extremo, os primeiros vestígios de mineração remontam provavelmente à época romana e à exploração de ouro em regime extensivo, resultante do desmantelamento dos depósitos de aluvião existentes na Tapada do Gorroal, à saída do Canhão do Erges, segundo técnicas largamente empregues durante o Período Romano. Esta mesma actividade, numa escala artesanal, sobreviveu na região quase até aos dias de hoje.

Os autos de descoberta de minas na freguesia de Salvaterra do Extremo remontam a 1871, existindo 163 arquivados no Arquivo Municipal de Idanha-a-Nova, o último dos quais elaborado em 1947. No início do século XX eram várias as minas de chumbo em laboração em todo o concelho, nomeadamente, na freguesia de Salvaterra do Extremo, destacando-se as Minas dos Currais da Arvéola, as Minas de Senabello e as Minas do Batao de Baixo. Esta indústria teve um impacto económico profundo na comunidade de então, associada à descoberta dos jazigos de fosforites de La Paloma (Zarza-la-Mayor) e Logrosán, os maiores da Europa de então.

As minas de chumbo dos "Curraes d' Arvella", são uma das concessões mineiras abandonadas existentes na área, descobertas em 1901 por Odon Molano, ourives natural de Garrovillas, Cáceres. Com efeito, existiram 9 concessões mineiras em laboração ou activas, num período compreendido entre 1903 e 1967. As concessões eram: 358 – Currais de Arvela; 413 – Barroca das Choças; 415 – Apartadura de Currais d'Arvela nº 1; 735 – Barroca das Choças nº 2; 736 – Barroca das Choças nº 3; 737 – Barroca das Choças nº 4. Em 1911, todas estas concessões pertenciam à Sociedad Curraes d'Arvella, com sede em Madrid. As concessões 414 – Rib.<sup>a</sup> da Ladeira nº 2, 444 – Rib.<sup>a</sup> da Ladeira e 508 – Vale das Eiras faziam parte da empresa espanhola Patriaca San José, em 1918.

Currais de Arvéola foram as mais importantes minas de chumbo do couto mineiro de Salvaterra e uma das mais importantes de todo o concelho em paralelo com as minas de Segura. Nos Currais de Arvéola ainda é possível reconhecer duas escombrelas, onde se acumularam os materiais estéreis resultantes da actividade mineira e dois poços que serviriam para entrada de mineiros e para saída de minério. Surgiram no final do séc. XIX, tendo sido exploradas com vigores variáveis até ao final da década de 40 do séc. XX, a partir do qual foram totalmente abandonadas em 1967, com perda da concessão em 1979. Destas interessantes minas restam apenas os poços rectangulares verticais escavados na rocha, uma obra de engenharia que se pode contemplar em toda a sua extensão uma vez que as minas não foram entulhadas. Os dois poços visitáveis encontram-se distanciados em cerca de 72 m, tendo atingido cerca de 100 m de profundidade. Era por aqui que se descia os homens e o material e se retirava o minério de chumbo. As mineralizações de galena, o principal minério de chumbo encontrado na região, ocorriam em filões verticais de quartzo leitoso (branco). O filão de Arvéola tem uma espessura variável que pode atingir 1-11 m, com uma direcção Nordeste inclinando 63° para Noroeste.



Francisco Jacinto, 93 anos



Alice Elias, 71 anos

## Património Geomineiro: domínio informal

O passado mineiro de Salvaterra do Extremo assume, quer pela via documental, quer pela via das memórias individuais e colectivas, uma dimensão notável. Permitindo-nos desta forma, devido à sua relativa proximidade temporal, ainda reunir no espaço urbano da aldeia alguns dos seus principais protagonistas e testemunhas, assim como alguns dos principais lugares centrais no contexto da formalidade e informalidade mineira (antigas empresas, casas de compradores de minérios, etc).

São memórias que retratam um espaço e um tempo onde o sentido do local e do translocal se cruzam e entrelaçam de forma labirintica através de redes criadas em torno dos negócios do minério (formais e informais). Traduzindo de forma exímia todo um importante património imaterial condensado em maneiras de pensar, gestualidades, formas de linguagem próprias, modos de organização, práticas e respectivos saberes relacionados com a exploração de minério.



José Joaquim Rascão, 66 anos